



A MEMÓRIA COLETIVA NAS REDES SOCIAIS

SANT'ANNA, Paula Soares
Programa de
Pós Graduação em Memória Social, UNIRIO
pssantanna@gmail.com

Resumo

Seguindo a premissa de que as redes sociais constituem um grande centro de comunicação hoje em dia, e por isso a necessidade cada vez mais evidente de se estudar este meio como 'nosso meio', e conseqüentemente, de refletir sobre a memória coletiva fomentada neste espaço, o artigo demonstra o conceito de memória coletiva através de *posts* em redes sociais, partindo do fato de que tais escritas são normalmente tomados por escritas particulares, intentando traçar um panorama contemporâneo do livro "A memória coletiva", de Maurice Halbwachs.

Palavras-chaves: Memória Coletiva. Maurice Halbwachs. Redes Sociais.

Abstract

Following the premise that social medias are a big Central Communication nowadays, therefore the evident need of studying this medium as 'our environment', and consequently of reflecting about the Collective Memory promoted in this space, this article demonstrates the concept of Collective Memory in posts on Social Medias, since in general, people understand these posts as personal writings, in order to work with a contemporary perspective of the book "The Collective Memory", by Maurice Halbwachs.

Key-words: Collective Memory. Maurice Halbwachs. Social Networking.

INTRODUÇÃO

O virtual é um espaço de tanto e tantos que é difícil uma definição elucidativa dele; é, acima de tudo, um centro de comunicação onde se encontram e interagem pessoas de inúmeros locais físicos e culturais. O virtual é um espaço que vem sendo cada vez mais estudado por diversas correntes das ciências sociais e áreas afins por ser um dos pilares da época contemporânea. Se bastante se fala de tempos fluidos, sociedades globais, grande parte deste discurso foi possibilitado pela popularização da internet, exemplo expoente de espaço virtual.

Tal espaço, atacado por muitos e usado por quase todos, gera muitos estudos e reflexões a respeito do impacto de sua utilização, principalmente os concernentes às possibilidades e qualidade de interação. Atualmente, há muitas vias de acesso ao outro. Salvo exceções, estar em contato não se faz um problema, e ao falar em intercomunicação no espaço virtual, cabe cogitar sobre memória social.



No senso comum, há quem valorize a internet sendo um espaço de interação global e há outros que reclamem dela, dizendo ser espaço promotor de afastamento humano, do fim da interação social real. Se um, se outro, a internet cria um movimento diferente do processo tradicional em relação à manutenção de memórias e recordações. Vivências são fontes de memórias e essas ganham novas possibilidades com o espaço virtual.

O espaço virtual, internet, é um meio plural e uma de suas possibilidades é o acesso de redes sociais *Facebook, Instagran, Twitter, Pinterest, Google+* e outras, que permitem ao usuário ter um perfil (no qual ele elaborará uma identidade para conviver virtualmente, escolherá seus amigos e selecionará seus acessos). Provavelmente, junto com sistemas de busca, as redes sociais são a vertente da internet mais popular entre os usuários. Por ser tão popular, por ser o ‘lugar’ em que as pessoas se encontram na virtualidade e convivem, é um ‘lugar’ que instiga movimentos nostálgicos e também reflexões acerca de produção de memória.

Parênteses, em relação aos movimentos nostálgicos, tem-se aqui que são zonas de defesa usadas para autoproteção dos que não compreendem novas noções e perspectivas do grupo social em que está inserido, segundo Roland Robertson (2000). A nostalgia é um sentimento comum em momentos de desconforto para com o tempo em que se vive e é historicamente recorrente. Parte da crítica negativa feita ao uso de redes sociais surge de certo sentimento de nostalgia, que tende a rebater a sensação de estranheza ressaltada pela aceleração dos tempos.

Deixando searas importantes a um estudo sobre internet e produção de memória coletiva, como a crítica relacionada a uma movimentação social nostálgica de uma parcela da sociedade que vive a transição geracional motivada pela popularização da internet, concentra-se no recorte temático determinado para discussão neste trabalho: memória coletiva nas redes sociais.

Redes sociais, porque muito tem se falado sobre elas (grandes periódicos publicam reportagens acerca do efeito do uso de redes sociais, pesquisadores tentam entender as razões pelas quais estas fazem tanto sucesso e os próprios usuários das redes sociais criticam um possível excesso de auto exposição nas redes). A comunicação interpessoal, estruturante da sociedade, está fortemente atrelada à internet e ao uso das redes e isso vai de encontro à atual discussão sobre memória social, uma vez que há predisposição a considerar que redes sociais isolam pessoas e fazem com que não se queira interagir pessoalmente.



Entretanto, as redes sociais não são agentes do encurtamento da noção de tempo, da aceleração do dia a dia, da fluidez das ações e de suas causas e consequências, características da contemporaneidade que estudiosos da área têm mostrado. Para este artigo, considera-se que redes sociais são aparelhos criados em detrimento de uma necessidade. É a partir deste princípio que o conceito de memória coletiva nas redes sociais será desenvolvido aqui.

Maurice Halbwachs, estudioso da mesma Escola Francesa de Émile Durkheim, na qual e se estuda uma sociologia em que fatos sociais são tidos como coisas, vai além em suas análises que “abrem um novo caminho para o estudo sociológico da vida cotidiana (HALBWACHS, 2004, p. 9)” e escreve “A memória coletiva” (2004). Nele, Halbwachs defende que toda memória é coletiva, por mais particularizada que seja. Este princípio tem sido recorrente em estudos históricos-culturais-sociológicos, portanto, faz-se importante ler este livro nas águas das redes sociais, lugar *pop* hoje em dia e, como todo outro espaço habitado pelo homem, norteador de memórias.

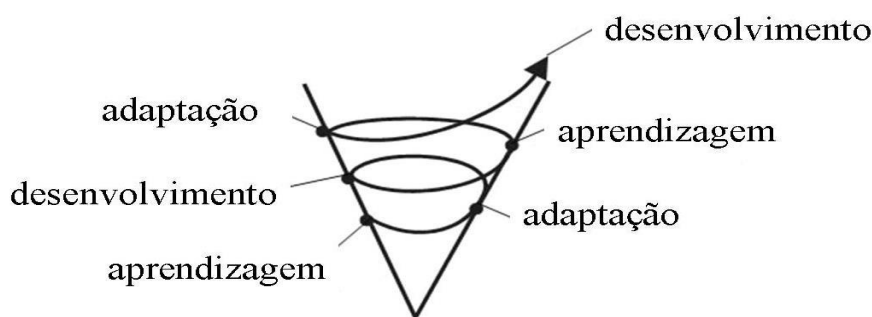
A partir disso, refletir-se-á o espaço de interação virtual ‘redes sociais’ sob o prisma da memória coletiva postulada por Halbwachs em seu já citado livro, haja vista memória coletiva ser alimentada de vivências, de presente e as redes sociais serem uma enorme fábrica de presente!

Como qualquer tarefa que almeje lidar com um livro de porte, como “A Memória Coletiva” (2004) é delicada, este artigo abrangerá somente seus dois primeiros capítulos, que serão divididos em três proposições formuladas a partir de sua leitura e associações de seus princípios com as redes sociais virtuais. São as propostas: não há vivência sem memória coletiva, memória coletiva é perene e memória coletiva é retroalimentável.

As redes sociais são criticadas por serem espaços de profusão de informações pessoais para um amplo público a fim de se divulgar e interagir. Diz a crítica negativa ao uso destes aparelhos que usuários de redes sociais se expõem muito e passam longas horas conectados em seus perfis virtuais para receberem atenção e se sentirem queridos, já que o nicho social real não lhes é tão interessante quando antes (Em: <<http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2013/08/uso-excessivo-das-tecnologias-pode-trazer-serios-riscos-vida-social.html>>, <http://www.istoe.com.br/reportagens/204040_VICIADOS+EM+REDES+SOCIAIS>).
Todavia, antes de formular uma crítica deste tipo às redes sociais é necessário ter em mente que “nossos sentimentos e nossos pensamentos mais pessoais buscam suas fontes nos meios e nas circunstâncias sociais definidas (HALBWACHS, 2004, p. 40)”.



Não importa o tempo consumido para produzir um *post* nem a possível ansiedade por curtidas e comentários. Não importa se o que se anuncia é o nascimento de alguém, um encontro fotografado ou o esmalte que foi usado na manicure (assuntos recorrentes em redes sociais), estas informações estão lá para além da vontade de autopromoção. Estas informações partem da necessidade de viver em sociedade que todo ser humano tem. É da constituição humana a auto-identificação e o contar sobre si. A diferença do contar-se por redes sociais está no alcance de público ampliado e tecnologia evoluída dos dias de hoje. Antes também havia a carta escrita para um/a amigo/a contando sobre a paquera, o telefonema para o/a colega indicando um lugar onde se viveu bons momentos. É compreensível que uma parte da sociedade atual, uma geração em trânsito entre a estrutura social anterior e a de agora, montada na velocidade com que a tecnologia nos permite falar para tantos, se choque com o volume de enunciações de ‘-eus’, mas este choque acontece porque a nova informação, o uso da internet para comunicação trivial, ainda não está acomodado na concepção de rotina de cada um. Lembra-se do espiral que o psicólogo Leon Vygostky (1896 – 1934) usou para explicar os processos de aprendizagem:



(Em: <http://1.bp.blogspot.com/_GoZ1Qjy_I4c/SuRKNZqBK2I/AAAAAAAAACL8/utsHgMC30qQ/s1600-h/espiralvi.png>)

Vygotsky usou o espiral para demonstrar o processo de aprendizagem, exceto os quadros de patologias. O esquema mostra que ao receber, aprender, melhor – apreender –, nova informação o homem passa pelo período de acomodação do novo conhecimento. É um tempo em que se rearruma o sistema psíquico a fim de encontrar um espaço em que a nova informação possa ser encaixada eficientemente. Achado este espaço, acomoda-se a nova informação e a utiliza no dia a dia, inclusive de base para uma nova aprendizagem, quando se reiniciará o ciclo. Ainda, nota-se que quanto mais se aprende, mais largo se torna o espiral, pois o conhecimento adquirido espalha-se, expandindo a área de desenvolvimento.



A problemática da crítica ao uso das redes sociais encaixa-se bem como exemplo prático da dinâmica do espiral de Vygotsky. A época atual é uma época de adaptação ao ensinado pelos tecnólogos, que é possível comunicar-se com um ou mais grupos sociais a partir do computador, economizando tempo e dinheiro. A internet tornou-se meio de comunicação para pessoas físicas na década de 70 (80-90, considerando Brasil). A possibilidade de preencher formulários, fazer compras via internet, aprendizado concernente ao espaço virtual já foi aprendido e acomodado. Via de regra, a população ocidental em idade produtiva com acesso à internet desempenha razoavelmente as tarefas acima. A informação posterior que se recebeu dos tecnólogos é a existência de nichos sociais na internet, as redes sociais. As redes sociais foram criadas no início dos anos 90 e alcançaram relevância na rotina de grande parte de seus usuários a partir dos anos 2000. Estima-se que de 7,2 bilhões de pessoas no mundo, segundo a ONU para 2014, pelo menos um bilhão de pessoas usem uma ou mais rede social (Em: <<http://tecnologia.terra.com.br/internet/mundo-tem-1-bilhao-de-usuarios-de-redes-sociais-dizestudo,130bf32c dbda310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>). Hoje, vive-se a época de adaptação à nova realidade. Não é sem sentido a projeção futura que indica que as próximas gerações não sofrerão com o uso das redes sociais da maneira que as gerações contemporâneas estão sofrendo, pois já terão acomodado em seu sistema psíquico a alternativa de convivência no espaço social. As próximas gerações sofrerão por outros motivos.

O receio que diz respeito ao uso alargado das redes sociais é o de que, por causa da velocidade dos acontecimentos nas redes, do uso massivo, da usual preferência de contato por redes sociais, as pessoas estejam deixando de experienciar momentos sociais importantes para suas vidas privadas. Em detrimento, a reclamação sugere que os usuários de redes sociais vão acabar com suas raízes, tradições, suas referências de vida em sociedade, de modo a perder por completo a capacidade de narrar fatos, transmitir conhecimento de vida e a noção de passado a ser lembrado.

Os receios ditos acima estão na reflexão acurada do filósofo Walter Benjamin sobre a experiência e a pobreza. Na discussão, Benjamin (1994) aponta, ainda nos anos 30, que os homens estão deixando de experienciar passagens do seu dia a dia e essa lacuna produz uma espécie de pobreza. Contudo, o próprio autor se mostra otimista ao indicar que, se esta é a realidade daquela Modernidade, há de pensá-la não só enquanto consequência negativa, mas, sobretudo, pela mudança de paradigma contra o qual não se pode ir, vide ser característica da evolução, e deve-se trabalhar em entender.



Isso quer dizer que a pragmática dos estudos envolvendo o uso das redes sociais não dá conta de determinar algo inerente à vida humana, ‘o comer’, ‘o consumo’. Todo homem ‘come’, ‘consome’. O ritmo de vida moderno, somado à realidade capitalista da economia, aumenta o consumo. Desde a Revolução Industrial Inglesa, marco inaugural da Modernidade, o consumo tem aumentado exponencialmente. Acomodar a nova configuração social e usá-la no desenvolvimento de novas necessidades e benefícios constitui um dos desafios da contemporaneidade.

Em geral, quanto mais velho alguém é introduzido à rede social virtual, mais dificuldade de adaptação terá, pois a mudança de estrutura de aprendizagem opera inversamente proporcional à idade da pessoa: quando mais novo é o aprendiz, mais facilmente ele acessará o que lhe está sendo apresentado. No blog “Jornalismo Científico” (Em: <http://cientificojornalismo.wordpress.com/2013/03/22/neurociencia-como-ela-ajuda-a-entender-a-aprendizagem/>), encontra-se o biomédico Renato Filev confirmando a assertiva. Devido a tal, e porque a “vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais” (HALBWACHS, 2004, p. 75), crianças cada vez mais novas nos surpreendem com suas destrezas no manuseio de aparelhos tecnológicos. Ao passo em que elas nascem em um período em que seus pais já cumpriram parte do caminho da acomodação do novo conhecimento, elas têm a nova informação como natural ao meio social onde estão inseridas.

Para Maurice Halbwachs (2004), a memória individual é não mais do que uma intuição sensível, uma espécie de botão *start* para a memória coletiva. Todo o outro é memória coletiva. Para o autor, as lembranças que o senso comum diz serem individuais, por exemplo, nas que constam no *post* do usuário sobre seu estado de humor, são também coletivas e se distinguem das que se julgam coletivas por uma diferença de grau de complexidade para lembrá-las (HALBWACHS, 2004, p. 53). As que são julgadas pessoais são de mais fácil acesso por causa dos vínculos sociais travados em dado momento.

Sendo assim, “diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar muda mesmo segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 2004, p. 55)”.

Conforme o exemplo do parágrafo anterior, é viável hipotetizar sobre o *post* e cogitar sobre a influência do meio no momento em que a mensagem foi divulgada. O usuário estava sozinho? No *post*, havia reflexão de vida ou somente mera exposição de algo peculiar ou rotineiro? Estas são indagações possíveis sobre o meio em questão. Também, este *post* altera a



percepção de meio de seus leitores, porque eles serão influenciados por esta fala, ainda que subjetivamente.

Postagens em redes sociais são demonstrações de que há memória. Elas só são elaboradas, expostas, acessadas e trabalhadas porque seus autores têm e se utilizam de memórias. Prova disso é que textos e imagens postados variam de acordo com a personalidade e visão de mundo de seus autores. Não há interação social, **não há vivência sem memória**. Nenhuma ação humana é vazia de memória.

A consequência de não haver vivências sem memória é a ideia de que **memória coletiva tem produção ininterrupta**. Porque toda ação é produzida com base na memória coletiva, toda ação gera memória. É um processo cíclico, pois a nossa interação com o meio é agregada ao nosso capital cultural/memória, alterando-o.

Mesmo as atitudes mais pessoais em redes sociais, como o compartilhamento de um *post* – que tem prerrogativa na concordância de opinião (tendo no ‘concordar’ um índice elevado de pessoalidade), nota-se que elas ativarão a perspectiva do social em nossas vidas. Se se concorda com “X” é porque se faz a relação de “X” com “Y” que já fomentava em mente. A concordância e o compartilhamento de, agora, “X+Y” resultante em “Z”, se encaixará nos pensamentos, expandindo-o a ponto de gerar um novo pensamento. Como Halbwachs explica:

A sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivo, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto. (HALBWACHS, 2004, p. 56)

Sempre novos pensamentos são possibilidades de novas lembranças. Pensamentos são ativadores de lembranças. Criando uma metáfora, poder-se-ia dizer que pensamentos são os operários daquela fábrica de memórias mencionada no início do artigo. Eles funcionam como operários: se trabalham em série, sem pausas e reflexões, os trabalhos executados não são bem notados e assimilados. Lembra-se de Charles Chaplin, no filme “Tempos modernos” (1936). No inverso, os trabalhadores tomam consciência de suas tarefas e realizações.

Pensamentos e lembranças funcionam desse jeito e neste ponto parece estar a problemática do uso constante e assíduo de redes sociais. Ao passo que *posts*, compartilhamentos e comentários crescem em volume e frequência, tendem a fazer com que usuários de redes sociais não tenham tempo hábil para ponderar os assuntos que estão postando e/ou que o hábito de postar se torne uma rotina.



Se desse modo, há chances de o usuário não perceber que se utilizou de memória coletiva acumulada de sua vivência anterior, igualmente, não perceber que gerou uma memória. Por isso, há uma crítica (focada na mais popular das redes, o *Facebook*) do senso comum às redes sociais que preconiza que os usuários não aproveitam a vida e condenam o destino destas pessoas, dizendo que elas se isolam.

No *Youtube*, site de compartilhamento de vídeos, há inúmeros arquivos criticando o uso de redes sociais. Um deles é o “*What’s on your mind?*” (Em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QxVZYiJK11Y>>). No site há a informação de que 5.385.453 pessoas assistiram ao vídeo, 31.858 pessoas votaram positivamente no vídeo e somente 308 o reprovaram. O vídeo conta a história de Scott, um homem que vive de aparências em seu perfil social. O vídeo tem início, meio, fim e uma lição de moral. Scott se dedica tanto à rede social que transmuta a experiência de ser traído pela namorada, de relacionar-se com uma prostituta, de ser demitido do trabalho em *posts* com mensagens positivas, e termina em uma depressão que o faz excluir sua conta no *Facebook*.

De fato, o homem atual percebe o tempo com horas menores do que elas são cronologicamente. Tal percepção sugere que as pessoas não vivenciam mais seus momentos com a atenção (e participação) que as pessoas dedicavam às vivências décadas atrás, pois quanto mais se visita o presente e se pauta rotinas nele, mais se afasta do passado, em um movimento natural de seleção de interesses. “O peso do passado, que servia como lastro nas sociedades tradicionais, tornou-se leve, ao passo que o entusiasmo quanto ao futuro, que havia animado as sociedades modernas, tornou-se incerto (BODEI, 1989, In: ROSSI, 2007, p. 27)”. A citação confirma que se afasta cada vez mais do passado no sentido de se ter o presente como referência constante. Numa contrapartida da necessidade de referência temporal, o passado histórico – oficializado em publicações – cresce à medida que a ideia de retenção de memória diminui.

Quando se transforma experiências anteriores em passado histórico, elas são solidificadas e é deixada a possibilidade de moldá-las à pressão do presente. Este ponto é importante de se considerar ao se falar de memória coletiva em redes sociais, nossa fábrica de presente.

Mas, até esta ‘nova’ relação com o passado não é ativada pelo uso excessivo de redes sociais. Dissertando sobre o esquecimento e o passado, Paolo Rossi (2010) cita em seu livro um romance no que dois personagens interrogam-se sobre passado, presente e futuro. Enquanto um deles acredita que, controlando o passado, controla-se o futuro, o outro replica dizendo que o



passado não tem existência real, que é uma construção do dia a dia e que, por isso, “seu controle depende de uma espécie de educação da memória” (ROSSI, 2010, p. 34).

Usa-se a proposta de Rossi (2010) sobre o passado não ser uma construção concreta, real, pois ela vai ao encontro da defesa neste texto da virtualidade e, por conseguinte, sobre a produção de memória nas redes sociais virtuais. A ideia de passado combina com a ideia de memória no sentido de que ambos são frutos do hoje. Volta-se à metáfora da fábrica dizendo que a memória é a peça essencial do passado, feita da matéria prima ‘presente’. Isso corrobora o fato de que as redes sociais, a despeito das críticas sobre seus efeitos em relação à noção de passado dos usuários, promovem memória coletiva.

Pesa-se a existência da problemática consoante ao tempo, porém tomar redes sociais originárias dela não resolve questões, uma vez que estas são apenas um dos frutos. O uso de uma rede social não foi a causa das perdas de Scott, personagem do vídeo. Scott perdeu namorada e trabalho porque deixou de se interessar por eles. Provavelmente não percebeu a passagem do tempo e não trabalhou na manutenção do relacionamento e do emprego. Esta é uma armadilha da noção de presente alargada.

Outrossim, as redes sociais contribuem com este processo da mesma maneira que as mídias impressas e outros aparatos frutos da evolução da tecnologia. Talvez seja possível dizer que este processo é das mentes humanas, que já buscam os meios virtuais por estes oferecerem a eles o que eles querem: presente. É no presente que as memórias são produzidas e o homem contemporâneo é ávido por memórias. Huyssen (2000) trata da avidez do homem por memórias, pelo passado como um movimento contrário ao que se deu no durante o século XX, em que o homem ocidental pensava sobretudo em futuro, estava desejoso por futuro.

Como já dado a entender ao longo do texto, há uma espécie de retroalimentação em relação à memória, ao passado e ao futuro. **A memória coletiva é retroalimentável.**

O que se chama de retroalimentação é uma ação cujo início depende da finalização de outra e assim por diante. Tal constância pertence inatamente ao presente, pois só nele se realiza. Se a memória coletiva é gerada por retroalimentação, coloca-se o tempo presente de premissa.

É interessante pensar, uma vez que se acredita que a língua seja um instrumento de normatização social, no tempo verbal “presente”. Baseando-se na “Moderna Gramática da Língua Portuguesa” (2009), o presente é o tempo verbal utilizado “em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos” (BECHARA, 2009, p. 221). No caso da extensão ao momento em que se fala, adiciona-se especificidade à designação e se diz ‘presente contínuo’. Esta informação se conecta à proposta deste artigo de que há uma constante



retroalimentação em se tratando de produção de memória. As ações, os *posts*, os comentários se retroalimentam, gerando uma cadeia de produção de memória.

Krzysztof Pomian (1984) propõe que, por volta de 1900, as pessoas começaram a duvidar da concepção de tempo linear, irreversível, histórico e conectado por ciclos econômicos. Segundo o autor, a causa da dúvida foi a descrença nas ideias de progresso e de objetividade da História na época (POMIAN, 1984, In: ROSSI, 2010, p. 131). Inaugura-se a ideia de um tempo cíclico. Sugere-se que a linha do tempo cíclica a qual as pessoas começam a utilizar para fundar suas vivências motiva a noção de presente, ao contrário da linha do tempo linear, que marca bem o passado e o futuro. O ciclo empodera, por sua constância, o tempo presente e empobrece as noções de passado e futuro.

Com a noção de presente reforçada no cotidiano, as questões relativas à memória social são problematizadas e surgem discussões sobre conservação e produção de memória. Esta, então, é uma problemática da sociedade atual e não é viável um possível pensamento de que redes sociais não geram vivências e, por efeito, memórias.

Inclusive, o próprio espaço virtual, onde as redes sociais estão alocadas, norteia a discussão nesta direção.

Virtual é, conceitualmente, uma potência. Como este artigo maneja o meio de discurso redes sociais, pode-se ir a Saussure (2006). O linguista usa o vocábulo virtual para designar o campo da língua em relação à fala. Para ele, a fala (*parole*) seria o real. A língua (*langue*) é uma potência no sentido de que ela fomenta e possibilita o externar ideias através da fala. Castelar de Carvalho em seu livro “Para compreender Saussure” (2003) nos embasa ao dissertar que a *langue* é “um tesouro depositado pela prática da *parole* em todos os indivíduos (...) ‘é o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender’ (CARVALHO, 2003, p. 11. <Em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/para%20compreender%20saussure%20-%20castelar%20de%20carvalho.pdf>>”).

O espaço virtual utilizado pelas redes virtuais se encaixa bem na teoria do linguista quando se cogita que esse é um lugar dividido em redes e cada rede destas, todas virtuais, possibilitam uma enunciação. E os usuários se alocam/escolhem estas redes de acordo com o que querem falar. A virtualidade do espaço usado fomenta e possibilita os usuários das redes falarem o que querem, da onde estão. Uma pessoa na Inglaterra, dessa forma, pode querer falar com uma pessoa no Brasil e, em segundos, ser respondida. Isto é fomentado pela virtualidade. A realidade não possibilita nem estimula isto. Nota-se que, dentro do espaço virtual esta fala será somente uma possibilidade enquanto não for respondida. Só uma ação real do interlocutor



pode concretizar o ato de falar do citado usuário. Em oposição, o espaço real fomenta a realização de ações. A realidade realiza.

Volta-se ao significado de ‘virtual’ e com respaldo da linguística para clarificar as conjecturas que, por serem correlatas, ajudam a trabalhar com o espaço virtual. Em relação às redes sociais e a memória, é importante pensar que a rede social opera com a possibilidades para com o presente de seus usuários e a memória se produz e produz presente. Aparenta-se lógico, portanto, pensar que redes sociais e memória se retroalimentam, e o receio de que essas redes diluam as memórias, as raízes, as tradições, incorre em equívoco, pois nelas há constante produção de memórias.

O equívoco está em sua disposição, pois usuários das redes sociais produzem sim memórias em suas postagens. O novo está no fato de que o entendimento de memória e história na contemporaneidade tem sido alterado.

Por causa do alargamento do presente, o passado está imprensado entre presente e o que se reconhece como histórico. E porque a história é oficializada pela escrita, nos parece muito mais presente do que as memórias. Ratificando o que Halbwachs (2004) alega, a história é um olhar de fora e a memória coletiva, de dentro. “A memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo, e o que mudou, foram as relações ou contatos do grupo com os outros (HABWACHS, 2004, p. 93).”

Considerações finais

A rede social é oferecida à comunidade global como mais um espaço de interação, tendo o *slogan* da simplicidade de se comunicar, independentemente da distância. Apesar desta facilidade de comunicação ser parcial, já que depende de uma série de fatores socioeconômicos e mesmo geográficos, o que sobressai é que tal tecnologia encurtou distâncias e fomentou troca.

Adiciona-se à ressalva do parágrafo anterior o protesto de que os usuários das redes virtuais se isolam da ‘vida real’, criando um vão entre experiência e interação social efetiva, *in corpora*.

Porém, neste artigo tentou-se levantar e defender a hipótese de que passado e memória coletiva, os quais asseguram um grupo social, existem em paralelo a fatores considerados



negativos pelo senso comum. Para tal, baseou-se nos conceitos-chave para a compreensão da relação memória e sociedade, de Maurice Halbwachs (1994).

De acordo com o livro, é possível concluir que o argumento de que a geração atual não terá passado e, logo, não produz memórias por causa de um uso abusivo de redes sociais é improcedente, uma vez que “não há na memória, um vazio absoluto, quer dizer, regiões do passado saídas de nossas memórias de sorte que toda imagem que ali se projeta não pode agarrar-se a nenhum elemento de lembranças e descobre uma imaginação pura e simples, ou uma representação histórica que nos permaneça exterior” (HALBWACHS, 2004, p. 81).

O que muda nos dias de hoje é a postura de um grupo social, pois o trabalho com suas memórias é um trabalho habitual de qualquer grupo. Faz-se normal certo grupo social não reconhecer as práticas (e as memórias) de outro grupo social com o qual não se comunique como suas.

Já foi mencionado, há a problemática da geração que abarca a mudança e seu sentimento de perda. Há também a problemática do sentimento de incerteza sobre a manutenção de valores sociais instaurados e preconizados como essenciais; a perda de tradições e hábitos identificadores de cultura dos antepassados assusta. Afora a questão temporal, a concepção de experiência mudou levada por avanços tecnológicos que muitas outras vezes já alteraram a maneira que o homem experiencia suas vivências, basta pensar nos adventos fogo, roda, telefone, eletricidade..., para notar que mesmo as gerações anteriores à atual não experienciaram uma série de vivências que outrora estavam arroladas na lista de importantes experiências para o homem, porquanto eram fundamentais à vida em sociedade.

Não se descarta os dados mencionados nos dois artigos publicados nos sites “globo.com” e “istoe.com”, já referidos anteriormente, de que o uso demasiado de redes sociais possa gerar vício e problemas psicossomáticos aos usuários. Todavia se atrela esta alternativa ao fato de que o vício, como toda patologia, tenha cerne no paciente. E, isto posto, mais uma vez volta-se para a tese de que o problema não é o uso, mesmo que em excesso, de redes sociais, mas a relação do homem contemporâneo com seu tempo.

O modelo de tempo é outro, e isto acarreta consequências. Memória há e haverá. Dizer o contrário é afirmar que a geração atual é um produto híbrido de experiências, incapaz de criar.

Mas, cuida-se que, ao criticar o uso das redes sociais em relação aos pontos levantados aqui, curiosamente, basta olhar para trás para aperceber-se de que os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que florescem em infindáveis espaços.



Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (v. 1). Tradutor: ROUANET, Sergio Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Disponível em: <<http://copyfight.me/Acervo/livros/para%20compreender%20saussure%20-%20castelar%20de%20carvalho.pdf>>. Acesso em 24/6/2014.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradutor: BENOIR, Laís Teles. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Tradutor: ALCIDES, Sérgio. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ROBERTSON, Roland. *Globalização, teoria social e cultura global*. Tradutor: BARROSO, João R. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. Tradutor: MOULIN, Nilson. São Paulo: UNESP, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradutor: CHELINI, Antônio; PAES, José Paulo; BLIKSTEIN, Izidoro. São Paulo: Cultrix, 2006.

<<http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2013/08/uso-excessivo-das-tecnologias-pode-trazer-serios-riscos-vida-social.html>>. Acesso em: 30/6/2014.

<http://www.istoe.com.br/reportagens/204040_VICIADOS+EM+REDES+SOCIAIS>. Acesso em: 1/7/2014.

http://1.bp.blogspot.com/_GoZ1Qjy_I4c/SuRKNZqBK2I/AAAAAAAAACL8/utsHgMC30qQ/s1600-h/esprialvi.png. Acesso em: 22/6/2014.

<<http://tecnologia.terra.com.br/internet/mundo-tem-1-bilhao-de-usuarios-de-redes-sociais-dizestudo,130bfe32cdda310VgnCLD200000bbccbe0aRCRD.html>>. Acesso em: 22/6/2014.

<<http://cientificojornalismo.wordpress.com/2013/03/22/neurociencia-como-ela-ajuda-a-entender-a-aprendizagem/>>. Acesso em: 29/6/2014.

<<https://www.youtube.com/watch?v=QxVZYiJK11Y>>. Acesso em: 27/6/2014.